

Sortelha e Monsaraz: estudo de caso de dois lugares turísticos no interior de Portugal**

APRESENTAÇÃO

Em anos recentes, muitas áreas e comunidades rurais situadas no interior do país abriram as portas ao turismo em razão da implementação de políticas nacionais e comunitárias de desenvolvimento rural que favorecem o desenvolvimento do sector. Com o objectivo de inverter a crise gerada pelo declínio da agricultura e pelo despovoamento dos campos de Portugal, estas políticas procuram induzir o desenvolvimento sustentável das zonas rurais e estimular a diversificação das actividades económicas de quem nelas reside, mediante o aproveitamento dos seus recursos endógenos. Isto inclui o aproveitamento do potencial agrícola dos campos através da elaboração de produtos agro-alimentares de marca, a patrimonialização dos seus recursos naturais, culturais, históricos e paisagísticos e a exploração turística destes patrimónios (Silva, 2007, pp. 39-67). Estas políticas de desenvolvimento local assumem e promovem a multifuncionalidade dos campos e encaram o turismo como uma instância capaz de dinamizar a economia, gerar emprego e contribuir decisivamente para a fixação das populações rurais (cf. Ribeiro, 2003a, pp. 202-203 e 2003b). Este artigo pretende fornecer alguns elementos (empíricos e teóricos) de reflexão em torno de várias temáticas relacionadas com o turismo em meio rural, através do estudo de caso de dois

* Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

** Agradeço os comentários e sugestões formulados pelos *referees* da revista *Análise Social* a uma versão preliminar deste artigo.

lugares de referência no panorama turístico rural nacional, Sortelha (Sabugal) e Monsaraz (Reguengos de Monsaraz). De modo sequencial, abordar-se-á o processo de conversão turística destas povoações, a oferta e a procura turísticas, as relações que os residentes estabelecem com os turistas e as percepções que os habitantes têm acerca do turismo e dos turistas.

Os dados compilados neste texto foram recolhidos durante a pesquisa de terreno que foi efectuada nestas duas localidades entre Março de 2003 e Janeiro de 2004. Esta pesquisa envolveu um trabalho de campo com observação participante durante cerca de cinco meses em cada uma das povoações, que incluiu o levantamento de vizinhos, a realização de conversas informais e entrevistas junto de residentes e turistas e uma pesquisa bibliográfica e documental¹.

A CONVERSÃO TURÍSTICA DE SORTELHA E MONSARAZ

Próximas da raia luso-espanhola, Sortelha e Monsaraz apresentam características sociais e demográficas típicas de muitos lugares tradicionalmente rurais situados no interior de Portugal, como sejam um reduzido número de habitantes (256 e 120, respectivamente), maioritariamente de idade avançada (45% e 26% têm idade igual ou superior a 65 anos, respectivamente), com baixos índices de escolaridade e formação (27% e 22% são analfabetos, respectivamente), exercendo a maioria dos activos actividades ligadas à produção agrícola e aos serviços, especialmente o turismo, sector que ocupa cerca de um quinto da população de Sortelha e um terço da de Monsaraz. Refira-se que o desenvolvimento da actividade turística decorre, em boa medida, das oportunidades de negócio geradas pela emergência e recrudescimento de turistas e excursionistas nas povoações, atraídos pelo património histórico e cultural da região, incluindo a história, os monumentos, a arquitectura popular, o artesanato e a gastronomia.

Estas povoações constituem hoje verdadeiras atracções turísticas. As atracções turísticas são, de acordo com MacCannell, constituídas por três elementos empiricamente relacionados: um turista, um local e um marco (MacCannell, 1999, p. 41). Na óptica do autor, os turistas são uma espécie de peregrino contemporâneo em busca de autenticidade noutros tempos e lugares fora da sua vida quotidiana²; os marcos fornecem informação sobre um local e podem assumir formas diversas, incluindo guias turísticos; o local assume o papel de atracção turística após ser sujeito a um processo de sacralização que vai de encontro a uma experiência ritual dos turistas. O processo de sacralização envolve vários estádios ou passos: (i) nomeação; (ii) enquadramento e elevação; (iii) santuarização; (iv) repro-

dução mecânica; (v) reprodução social (MacCannell, *ob. cit.*, pp. 43-45). As povoações de Sortelha e Monsaraz constituem atracções turísticas que, de algum modo, foram objecto da sacralização de que fala MacCannell, envolvendo, inclusivamente, um conjunto de arranjos urbanísticos destinados a produzir a imagem idealizada e a construção de outros espaços destinados a incrementar o seu poder de atracção. Estas intervenções foram, na sua grande maioria, realizadas pela administração central, que em Portugal tem desempenhado um papel determinante e decisivo na conversão dos espaços rurais em espaços turísticos (cf. Cavaco, 1999, e Ribeiro, 2003a). Em Sortelha e em Monsaraz, as intervenções foram efectuadas no sentido de aproveitar e valorizar o património histórico edificado, num processo que envolve a transformação de um valor cultural num valor comercial. Estas acções traduzem-se, antes de mais, na construção de um cenário medieval no qual o castelo e o perímetro urbano envolto em muralhas desempenham um papel crucial³. A criação desta temporalidade ancestral adquire a sua máxima expressão na altura em que se realizam as recriações de eventos ditos medievais, como feiras e torneios. No caso de Sortelha, estas recriações têm lugar em meados de Agosto, no quadro dos programas de animação das aldeias históricas de Portugal⁴. No caso de Monsaraz, elas são mais irregulares.

Relativamente a Sortelha, pode afirmar-se que a conversão da povoação em atracção turística foi essencialmente levada a cabo aquando da atribuição do estatuto de aldeia histórica de Portugal na década de 1990⁵. Ao obter este estatuto, à semelhança das suas congéneres, Sortelha beneficiou de intervenções nas infra-estruturas do centro histórico, como sejam a rede de abastecimento de águas, a rede de esgotos domésticos e de águas pluviais, a rede eléctrica, a rede telefónica e a rede de televisão. As intervenções envolveram também a recuperação das fachadas e telhados dos edifícios no interior das muralhas, que também foram objecto de intervenção, assim como a conservação e consolidação do castelo, a consolidação, beneficiação e valorização da Igreja Matriz e ainda a pavimentação das ruas e largos da cidadela com calçada portuguesa. Simultaneamente, verificou-se a adaptação de alguns edifícios a novas funções, como o posto de turismo, a sede da associação de desenvolvimento local Liga dos Amigos de Sortelha e alguns edifícios particulares afectos ao turismo. As redes eléctrica, telefónica e de televisão são totalmente subterrâneas por razões de natureza estética, associadas à almejada criação de uma imagem medieval, que não é consentânea com a presença de elementos dissonantes que aí se registava, como antenas de televisão, alumínio nas portas e janelas dos edifícios e cimento nas paredes (cf. Plano de Pormenor de Salvaguarda e Valorização de Sortelha, 1995). Estes trabalhos envolveram um investimento de 2,2 milhões de euros (cf. Boura, 2002). O visitante da cidadela de Sortelha encontra aí um cenário

histórico composto por elementos arquitectónicos militares, religiosos e populares, onde são disponibilizados painéis de informação turística que sublinham o carácter medieval das construções e indicam o que é merecedor de visualização, um colocado na parte exterior da Porta da Vila, outro junto ao castelo. Este cenário encontra-se desprovido de elementos dissonantes face à imagem que se pretende criar da povoação, tais como o cimento e o néon, sobressaindo a pedra à vista e os afloramentos rochosos.

No seu *Guia de Portugal*, redigido na década de 1920, Proença diz que «Monsaraz é uma *vila morta*. As muralhas do velho *castelo* construído por D. Denis caem aos pedaços» (Proença, 1927, p. 87). No início da década de 1960, Gonçalves constatava que a «outrora importante povoação alentejana não passa hoje de um mundo morto e evocativo, quase espectral, do actual Conselho de Reguengos de Monsaraz» (Gonçalves, 1961, pp. 62-63). No entanto, esta localidade de fundação medieval foi no decurso do século XX, particularmente a partir dos anos 40, sujeita a um conjunto de intervenções ligadas a um processo de conservação e transformação urbanas detalhadamente analisado por Amendoeira (1998). Mas é preciso dizer que o processo de requalificação desta povoação ocorreu fundamentalmente na década de 1990, tal como nas primeiras dez aldeias históricas de Portugal, altura em que foram desenvolvidos muitos dos respectivos projectos. Entre estes projectos encontra-se a conservação e consolidação das muralhas, o estudo arqueológico e a recuperação da cuba islâmica, a construção de parques de estacionamento e acessos, bem como a instalação de televisão por cabo, a recuperação e adaptação da Igreja de Santiago a Casa da Cultura de Monsaraz, o reforço das infra-estruturas eléctricas da *vila* e do *arrabalde* e a construção do circuito turístico de Monsaraz (que passou pela melhoria e construção de acessos e sinalização dos locais de interesse turístico na freguesia), para além do calcetamento integral das ruas e largos da *vila* com xisto, a eliminação das pocilgas que se encontravam nas encostas da povoação e a plantação de arvoredos nas encostas⁶. Ao que foi apurado através da consulta dos respectivos projectos, estas obras implicaram um investimento de cerca de 4 milhões de euros.

O facto de os parques de estacionamento e as acessibilidades terem implicado a destruição dos fortins da Guerra da Restauração reforça a ideia atrás ventilada de que se procura criar um cenário medieval, em detrimento de outras épocas da história da povoação. Monsaraz assume-se, assim, como um cenário histórico da época medieval marcado pela imagem alva dos elementos existentes no interior das muralhas.

As remodelações na estrutura física de Sortelha e Monsaraz foram acompanhadas pela construção da sua imagem enquanto atracções pitorescas, idílicas, cristalizadas num determinado período temporal, belas, extraordiná-

rias e fora do comum, na qual participaram e continuam a participar arquitectos, jornalistas, entidades públicas ligadas ao turismo, agências de viagem, etc. Esta construção imagética foi coroada de sucesso, sendo que é frequente encontrar turistas e excursionistas e, inclusivamente, textos de ordem vária que a reproduzem, através de expressões tais como «estar aqui é como entrar numa máquina do tempo que nos transporta ao passado» e «aqui parece que não estamos no século XXI, mas sim num local onde o tempo parou». Os depoimentos de turistas seguidamente apresentados têm neste ponto um valor ilustrativo:

Este pequeno recanto maravilhoso de Portugal faz-nos recuar séculos na história e reviver o que se terá passado na época de D. Sancho I e em épocas posteriores. Quantas almas já por aqui passaram; em cada recanto se sente a presença de antepassados [livro de honra de uma unidade TER situada em Sortelha].

Monsaraz é uma aldeia muito bonita e encantadora. Tem piada porque a aldeia tem vindo a ser bem recuperada, não tem havido alterações de monta e fizeram um trabalho muito bom no sentido de esconder os fios e essas coisas todas. No fundo, é um espaço quase perdido no tempo, fora do tempo e do espaço (Eduardo, 39 anos, turista, residente em Mafra, entrevistado em Monsaraz)⁷.

A par do património histórico edificado, Sortelha e Monsaraz apostam nas marcas de ocupação humana do território em épocas ancestrais de molde a aumentarem o seu poder de atracção turística, como testemunha o facto de terem procedido à identificação, conservação, promoção e sinalização dos vestígios arqueológicos existentes nas suas imediações. Tal processo é, no entanto, mais visível em Monsaraz do que em Sortelha. A informação turística concedida através de folhetos e verbalizações nos respectivos postos de turismo abona a favor desta afirmação. Em Sortelha, a informação dada aos turistas restringe-se quase exclusivamente à história e aos monumentos existentes no centro histórico, sem alusões à calçada romana e às demais marcas ancestrais de ocupação humana do território fora da povoação, exceptuando duas sepulturas antropomórficas. Em Monsaraz, por sua vez, para além de se conceder informação sobre a história e os monumentos existentes no centro histórico, chama-se a atenção para a presença de outras referências históricas existentes na povoação e na freguesia, incluindo as que testemunham a presença dos mouros na área, como a cuba islâmica e ruínas de construções anexas. Para além disso, divulga-se a presença de inúmeros vestígios arqueológicos na zona circundante, incluindo as antas do Olival da Pega, o menir do Outeiro e o menir gravado da Bulhõa, bem como os recintos megalíticos da Farisõa, do Xerez e de Vidigueiras.

Estes recursos patrimoniais são inseridos no mercado turístico sob a forma de rotas. Sortelha é um ponto de referência no âmbito das rotas turísticas existentes na zona envolvente da serra da Estrela, como é o caso da rota dos 20 castelos e da rota das aldeias históricas de Portugal. Monsaraz, por sua vez, figura em algumas das rotas e itinerários propostos pela Região de Turismo de Évora. A rota do megalítico assume neste ponto um valor paradigmático. Quanto a itinerários, nos quais se recomenda a visita a locais de interesse histórico e cultural, como castelos, igrejas, conventos, casarios, menires, olarias, adegas, e fábricas de queijos e de mantas, são de realçar os seguintes: (i) Évora-Redondo-Reguengos de Monsaraz-Monsaraz; (ii) Monsaraz-Mourão-Monsaraz; (iii) Monsaraz-Terena-Alandroal-Juromenha-Vila Viçosa.

É com estes atributos que os lugares em estudo competem no mercado turístico com outras atracções em busca de uma quota deste mercado. Complementarmente, nas localidades em apreço promovem-se eventos destinados a criar um valor atractivo adicional e quebrar a sazonalidade. É aqui que entram as organizações locais, municipais, regionais e as regiões de turismo. No caso de Sortelha, o evento que mais se ajusta a esta situação insere-se no Programa de Animação das Aldeias Históricas de Portugal, que é patrocinado pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro e pelos municípios aos quais pertencem as povoações. Em Sortelha, este programa anual envolve normalmente a realização de feiras de artesanato, um festival de folclore, animação de rua, desportos radicais, jograis e apresentação de peças de teatro, atraindo poucas centenas de pessoas da freguesia e do concelho e alguns turistas. No caso de Monsaraz, os eventos que acrescentam ou tentam acrescentar poder de atracção à povoação são as festas em honra do Senhor Jesus dos Passos, a iniciativa Monsaraz-Museu Aberto e o Presépio de Rua. Organizadas pela Santa Casa da Misericórdia, as festas em honra do Senhor Jesus dos Passos realizam-se anualmente no segundo fim de semana de Setembro e têm a particularidade de envolver a realização de diversas touradas e a condução do touro pelas ruas da *vila* até à praça situada no castelo, onde será morto no decurso de uma das touradas. Organizada pela Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, a iniciativa bienal Monsaraz-Museu Aberto, que teve a sua primeira edição em 1986 e que normalmente decorre durante nove dias no mês de Julho, tenta promover a animação turística da povoação e a educação cultural da população através de eventos e espectáculos de ordem diversa que pretendem reflectir os valores da cultura tradicional (*Memória Descritiva e Justificativa*, 2002). Organizado pela Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, o Presépio de Rua é uma iniciativa anual, que teve a sua primeira edição em 1999, a partir de uma ideia proposta pela escultora Teresa Martins e que normalmente está patente ao público durante cerca de três semanas

durante a época natalícia. O presépio é constituído por cerca de 40 figuras em tamanho real, feitas de grandes estruturas de ferro e rede, cobertas de pano de cor crua, sendo as suas figuras dispostas numa espécie de romaria que vai desde a Porta da Vila até ao castelo, onde se encontram José, Maria e o Menino Jesus. Ao que foi apurado no terreno através da observação participante e de testemunhos recolhidos junto de residentes (empresários da restauração, funcionários do Posto de Turismo, comerciantes, etc.), estas três iniciativas trazem a Monsaraz centenas de turistas, para além de muita gente da freguesia e dos concelhos limítrofes.

Sortelha e Monsaraz apresentam outras dimensões associadas ao turismo rural em sentido amplo que importa mencionar. Neste ponto, cabe referir antes de mais o artesanato. Para além dos certames ligados à exposição e comercialização do artesanato, incluídos no Programa de Animação das Aldeias Históricas de Portugal, no caso de Sortelha, e na iniciativa Monsaraz-Museu Aberto, em Monsaraz, estas povoações têm várias lojas ligadas ao sector. No caso de Sortelha, as seis lojas de artesanato/antiguidades existentes na povoação, quase todas situadas na cidadela, vendem artesanato local e regional, velharias e artefactos ligados à vida campestre de antanho, tais como objectos feitos em *bracejo* (cestos e vassouras), artigos feitos em madeira (pífaros, tripés, francelas), loiças antigas, enchidos, pão caseiro, doçarias, postais da povoação e livros sobre Sortelha e arredores. Alguns destes produtos — bonés, réplicas miniaturizadas de casas ou fachadas, rendas, reposteiros, licores, mel, aguardente e doçarias — têm a marca «Sortelha» ou a inscrição «de Sortelha», enquanto outros, tais como o azeite e o vinho, vêm com o rótulo «Aldeia Histórica». As bebidas, os objectos em madeira, rendas e doçarias são também vendidos em bares. Parte destes produtos alimenta o mercado das recordações ligadas às experiências turísticas, tal como decorre do facto de certos objectos terem a inscrição «Recordação de Sortelha». Ao mesmo tempo, os mesmos realizam a «reprodução mecânica» ligada ao processo de sacralização das atracções turísticas de que fala MacCannell:

A criação de gravuras, fotografias, modelos ou efígies do objecto que são, por sua vez, valorizados e exibidos. É a fase de reprodução mecânica da sacralização que é responsável maioritariamente por impulsionar o turista para a viagem de descoberta do objecto verdadeiro. E ele não fica desapontado. Para além das cópias, tem de ver a coisa verdadeira [MacCannell, 1999, p. 45].

De igual forma, no caso de Monsaraz, as seis lojas de artesanato vendem vestuário tradicional (pelicos e pelicas), pantufas, produtos locais (mel e azeite), cerâmica, livros sobre a povoação e a região do Alentejo, postais,

miniaturas de casas ou fachadas. A povoação conta ainda com uma loja de vinhos da Cooperativa Agrícola de Reguengos de Monsaraz e com uma outra de produtos locais e regionais, incluindo queijo, vinho e enchidos. Alguns dos produtos, incluindo o vinho, têm a marca «Monsaraz», outros têm uma inscrição dizendo que são «de Monsaraz».

Outra dimensão da oferta turística nos lugares em análise é a gastronomia. Sortelha possui três restaurantes e Monsaraz quatro, quase todos considerados típicos. A tipicidade encontra-se presente não apenas na estrutura arquitectónica dos edifícios onde os mesmos se encontram localizados, mas também na decoração dos espaços e, sobretudo, nas ementas. O primeiro aspecto resulta do facto de estarem instalados em edifícios consonantes com a traça arquitectónica do restante casario. O segundo reside no preenchimento dos espaços com mobiliário e elementos decorativos associados ao antigo modo de vida rural. O terceiro assenta no serviço de pratos tradicionais da região, de que são exemplo a caldeirada de cabrito em Sortelha e a açorda alentejana em Monsaraz, e que tanto fascínio exercem numa parte da população citadina, que por esta via procura romper com o quotidiano em termos de hábitos alimentares e incorporar um pouco de história, tradição e cultura locais (cf. Bessière, 1998).

O património histórico, arqueológico e cultural tem, portanto, um papel importante no processo de conversão turística de Sortelha e Monsaraz, a exemplo do ocorrido noutros lugares dentro e fora do país. É no património histórico edificado que reside, no entanto, o maior factor de atracção turística destas povoações, tal como sucede nas restantes aldeias históricas de Portugal, em Marvão e noutros lugares (Herzfeld, 1991; Icomos, 1993).

A inserção do património no mercado turístico resulta na concepção «produtivista» do património cultural, no âmbito da qual o património cultural é entendido «como um recurso para o turismo cultural e para outras actividades económicas», «como uma mercadoria que deve satisfazer o consumo contemporâneo», sendo representativo das identidades culturais (Pereiro Pérez, 2003, p. 234). O património é, nesta perspectiva, equacionado enquanto objecto de um consumo e de uma procura que ao longo dos últimos anos tem vindo a crescer a bom ritmo, facto que é concordante com o argumento de Lowenthal segundo o qual os processos contemporâneos de alargamento de noção de património têm sido acompanhados pela «democratização» do interesse por este recurso:

O património expande-se sobretudo porque mais pessoas participam nele. No passado, apenas uma minoria procurava os antepassados, reunia antiguidades, apreciava os mestres da pintura e frequentava os museus e sítios históricos. Estas diversões atraem agora as multidões. Já não são só os aristocratas a serem obcecados pelos antepassados, nem os muito ricos

a coleccionar velharias, nem os académicos interessados por antiguidades, nem a nobreza a visitar museus; milhões procuram agora as suas raízes, protegem paisagens amadas, valorizam recordações e, na generalidade, mostram afecto pelo tempo que passou [Lowenthal, 1998, pp. 10-11]⁸.

RELAÇÕES COM TURISTAS E PERCEPÇÕES LOCAIS

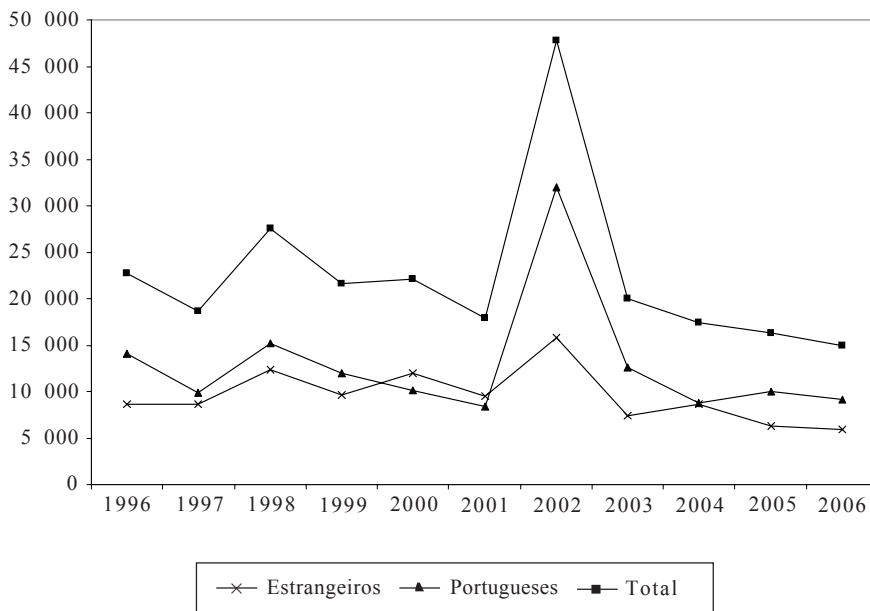
Ao longo dos últimos anos assistimos em Portugal a um aumento progressivo da procura e frequência dos espaços rurais para a realização de actividades de consumo turísticas e recreativas, fundamentalmente por populações urbanas. Este aumento enquadra-se nas mudanças estruturais ocorridas nas sociedades contemporâneas, em geral, e na portuguesa, em particular, que resultam no entendimento das áreas rurais como bens (e locais) de consumo e património comum (cf. Figueiredo, 2003, p. 65). A afluência de visitantes a Sortelha e Monsaraz é, neste ponto, exemplificativa. Sortelha e Monsaraz são lugares que atraem grande número de visitantes em busca de experiências turísticas ou recreativas durante os seus períodos de lazer. O lazer é, aliás, central na actividade dos turistas, tal como é frequentemente reconhecido (e. g., Harkin, 1995, MacCannell, 1999, Pearce, 1995, e Sharpley, 1999). Perspectivado enquanto forma de lazer, o turismo estrutura o ciclo de vida dos indivíduos, proporcionando-lhes períodos alternados de trabalho e relaxamento (Graburn, 1978, pp. 17-18), assim como de produção e consumo (Harkin, 1995, p. 651).

Não há dados que permitam tecer considerações definitivas acerca destes visitantes, mas podem adiantar-se alguns indicadores úteis no delineamento da sua quantificação e caracterização. Começando por Sortelha, interessa observar que não existe qualquer registo fiável do movimento anual de visitantes, dado que a entidade que produz estas estatísticas, o Posto de Turismo, só funciona aos fins de semana, feriados e férias escolares. Ainda assim, em 2006 o Posto de Turismo registou 15 172 visitantes, entre os quais 10 923 portugueses⁹. No que concerne a Monsaraz, é possível seguir de perto o movimento anual de visitantes através do registo efectuado pelo Posto de Turismo (v. gráfico n.º 1). A leitura deste gráfico permite constatar alguns dados merecedores de realce. O primeiro aspecto prende-se com a circunstância de haver na maior parte dos anos um decréscimo no número de visitantes registados, interrompido em 1998 por um crescimento moderado, em 2000 por um crescimento ligeiro e em 2002 por um crescimento acentuado. O crescimento registado em 1998 estará relacionado com a promoção do país efectuada no âmbito da EXPO 98, ao passo que o que se verificou em 2002 decorre da afluência de turistas e excursionistas a esta região por mor do encerramento das comportas da barragem de Alqueva.

A existência de um movimento descendente contínuo de 2002 a 2006, altura em que se verifica o mais baixo registo histórico de visitantes, 14 985, estará associada à falta de capacidade de Monsaraz para atrair novos visitantes e à emergência de destinos alternativos. Além disso, verifica-se que o número de portugueses é quase sempre superior ao de estrangeiros, excepção feita ao biénio de 2000-2001, o que estará relacionado com a maior proximidade que os visitantes portugueses têm em relação ao destino. Entretanto, pode dizer-se que a povoação tem conseguido ao longo dos anos atrair um considerável volume de visitantes nacionais e estrangeiros, sobretudo se tivermos em conta que as estatísticas apresentadas ficam muito aquém da realidade, dado que grande parte dos visitantes não se desloca ao Posto de Turismo, entre eles muitos excursionistas que viajam com ou sem guia turístico e frequentadores «já familiarizados com o local»¹⁰. Em Sortelha, as coisas passaram-se de maneira similar.

Visitantes do Posto de Turismo de Monsaraz

[GRÁFICO N.º 1]



Fonte: Posto de Turismo de Monsaraz.

De acordo com o observado no terreno, a maioria dos visitantes de Sortelha e Monsaraz são cidadãos que, deslocando-se em família ou grupos de amigos, procuram romper com o quotidiano e obter uma experiência revigorante no campo, materializando a vertente popular e sentimental do ideário pastoral de que fala Marx (1967), que implica o afastamento de um

mundo artificial e complexo que se encontrará na cidade em direcção a um mundo mais simples e natural que se encontrará no campo. Estas povoações são também visitadas por grupos de reformados que se deslocam em excursão, por grupos universitários interessados em arquitectura militar e ainda por grupos de jovens e adolescentes, incluindo escuteiros e participantes em concursos nacionais e internacionais de pintura. Acresce que estas localidades são visitadas por habitantes de outras povoações mais ou menos próximas sobretudo nos feriados e fins de semana. Os visitantes são, portanto, pessoas de diferentes estratos sócio-económicos e distintos escalões etários, o que traduz uma certa «democratização» das experiências turísticas. Outro aspecto a destacar prende-se com o facto de estes visitantes terem motivações distintas. Num estudo efectuado nas áreas rurais do Minho, Douro e Trás-os-Montes, Kastenholz (2003) elabora uma tipologia quaternária designada de acordo com o perfil motivacional dos turistas: os *entusiastas rurais calmos*, os *entusiastas rurais activos*, os *puristas* e os *urbanos*. Os *entusiastas rurais calmos* são indivíduos mais idosos e com um elevado capital social, económico e cultural, que têm uma visão romântica dos espaços rurais e que procuram «o ‘autêntico’, o património cultural, o ambiente despoluído e calmo, a proximidade com a natureza e a integração num estilo de vida tradicional e rural». Os *entusiastas rurais activos* são mais jovens e têm uma motivação similar aos *entusiastas rurais calmos*, mas estão mais interessados «em actividades desportivas e recreativas e em oportunidades de convívio». Os *puristas* são fundamentalmente estrangeiros que «procuram principalmente um ambiente natural, despoluído e tranquilo e não valorizam infra-estruturas turísticas, nem o convívio, nem aspectos culturais». Os *urbanos* são fundamentalmente jovens que não valorizam o campo e as suas características intrínsecas, procurando infra-estruturas, divertimentos, atracções e actividades «eventualmente incompatíveis com um destino rural ‘autêntico’ e calmo» (id., *ibid.*, pp. 212-214). De acordo com o observado, esta tipologia é apropriada para o conhecimento dos visitantes de Sortelha e Monsaraz, no seio dos quais predominam os *entusiastas rurais calmos* e os *entusiastas rurais activos*, encontrando-se os *puristas* no extremo oposto.

É de sublinhar que cerca de um quarto dos visitantes das localidades em análise frequenta repetidamente estes espaços por razões que se prendem com uma sensação de bem-estar e de encantamento. Num estudo efectuado numa pequena ilha ao largo da costa oeste da Escócia, Kohn encontrou uma situação similar, afirmando:

O debate de Schneider (1993) sobre o modo como ficamos «seduzidos» por culturas que bombardeiam os nossos sentidos, nos tornam perplexos, e questionam a nossa compreensão do mundo em redor pode aplicar-se facilmente a estas experiências dos visitantes. O período passado longe de casa, na ilha, era uma repetível experiência sagrada e sedutora [Kohn, 1997, pp. 21-22].

Tal constatação contraria o argumento de Urry de acordo com o qual os turistas não tendem a frequentar repetidamente os mesmos lugares turísticos em função da sua constante busca de novos espaços para contemplar ou consumir de modo fundamentalmente visual (Urry, 2002).

A presença de forasteiros em Sortelha e em Monsaraz não é objecto de oposição por parte dos residentes, nem fonte de desagrado, mas sim de aumento dos níveis de auto-estima, como decorre da difundida ideia de que «é sempre bom saber que as pessoas de fora gostam de cá vir e acham isto muito bonito». O turismo induz ainda um conjunto peculiar de relações entre residentes e forasteiros que urge analisar. Antes, porém, cumpre observar que esta interacção é maior em Monsaraz do que em Sortelha, por razões fundamentalmente espaciais — a *vila* é a atracção turística desta localidade beirã, para onde convergem normalmente os visitantes, enquanto a grande maioria da população local reside no *arrabalde* e não se desloca habitualmente à cidadela; em Monsaraz, as coisas passam-se de maneira diferente, dado que a maioria da população reside na malha urbana existente no interior das muralhas, que é também o ponto de convergência maior dos fluxos turísticos. Relativamente a Sortelha, cabe ainda referir que a interacção entre os forasteiros e os residentes tem lugar não só no quadro dos estabelecimentos ligados ao sector, incluindo a restauração, o comércio e o alojamento, mas também num outro plano que importa realçar. Trata-se da interacção que tem lugar entre os forasteiros e as seis mulheres que fabricam e vendem objectos feitos em bracejo nas ruas da povoação, cinco das quais na *vila*. Estas mulheres ora são abordadas pelos turistas, ou o contrário, dizendo, por vezes, para vender, que precisam do dinheiro para pagar contas e comprar medicamentos, como foi observado durante o trabalho de campo.

Nestas duas povoações, a interacção entre residentes e forasteiros é caracterizada por um cunho instrumental, efémero e comercial, ocorrendo em função da recolha de informações por parte dos turistas sobre a existência e/ou localização de certas atracções e/ou de uma qualquer transacção comercial. Tal situação empresta validade empírica ao argumento de Nuñez acerca das relações entre hóspedes e hospedeiros, segundo o qual

a relação é quase sempre instrumental, raramente enriquecida por laços afectivos e quase sempre marcada por graus de distância social e estereotipização que não existiram entre vizinhos, pares ou conterrâneos [Nuñez, 1978, p. 212].

É no quadro destas trocas e encontros que os residentes desenvolvem as suas percepções sobre os turistas, e vice-versa, criando muitas vezes estereótipos. Em Sortelha e em Monsaraz, alguns residentes operam uma distinção entre os forasteiros que permanecem na aldeia alojados em unidades turísticas e aqueles que se limitam a visitar a povoação, inseridos ou não em grupos de excursionistas. Os primeiros são vistos como pessoas educadas, cultas, amáveis

e endinheiradas, ao passo que os restantes tendem a ser vistos como ruidosos, pouco cívicos e fracos dinamizadores do comércio local. Muitos habitantes, entretanto, encaram os turistas como um grupo homogéneo, caracterizado por atributos negativos, como estupidez, ignorância e falta de civismo, dado que fazem perguntas estúpidas, deitam lixo para o chão e não respeitam a privacidade dos residentes quando lhes tiram fotografias sem pedirem autorização ou espreitam para dentro das suas casas e entram quando estas têm as portas abertas. A informação compilada por Ramos no diário de campo redigido à data da sua pesquisa de campo em Monsaraz é, neste ponto, ilustrativa:

O turista é um animal esquisito para as gentes da vila. Faz perguntas irracionais, tira fotografias em excesso, julga-se descobridor de tesouros e mistérios inexistentes e considera a vila um jardim zoológico em que os velhos são espécimes raros. O paternalismo balofo dos turistas ignorantes irrita o bom senso e a pacatez dos vilavelhenses [Ramos, 1997, p. 195].

Estes materiais põem igualmente a descoberto o facto de os turistas também serem objecto do olhar da população hospedeira, como admite Urry (2002, pp. 151). Em Monsaraz e em Sortelha, os locais costumam observar e avaliar o modo como as mulheres que andam de sapatos de salto alto se deslocam no piso irregular da *vila*, para além da forma como se vestem, penteiam e comportam.

Os forasteiros contactados nos lugares em apreço, por seu lado, declaram que os residentes são simpáticos, afáveis e hospitaleiros.

Este conjunto de relações e percepções deve ser visto à luz da teoria da troca social, tal como defende Ap (1990). A teoria da troca social — que geralmente procura entender o intercâmbio de recursos entre pessoas ou grupos e prever o seu comportamento durante a interação — é consentânea com a ideia de Nash segundo a qual a relação entre hóspedes e hospedeiros envolve determinadas condições que devem ser preenchidas, de molde a garantirem a sua manutenção, relação esta que reveste a forma de uma transacção marcada pela estranheza ou desconhecimento entre as partes e pela sua distinta condição perante o lazer e o trabalho (Nash, 1978, pp. 40-41). À luz deste dispositivo conceptual, o turismo envolve um processo de troca e/ou negociação entre turistas e hospedeiros, no qual as partes procuram defender os seus interesses e satisfazer os seus intuitos (cf. Sharpley, 1999). Estes interesses e intuitos podem assumir a forma de aquisição de um produto ou serviço por parte dos turistas e o ganho económico por parte dos hospedeiros. A reciprocidade e o respeito mútuo constituem elementos fundamentais da troca. Se ambas as partes sentem que fizeram uma transacção justa, cada qual terá uma percepção positiva do encontro. Se, pelo contrário, uma das partes sentir que isso não acontece, desenvolve uma atitude negativa em relação à outra. Este sentimento ocorre, por exemplo, quando um turista pretende adquirir um serviço ou produto pelo qual lhe é pedida uma

quantia exorbitante e/ou quando os hospedeiros sentem que os turistas invadem a sua privacidade. A pesquisa de campo efectuada em Sortelha e Monsaraz permitiu registar alguns episódios deste género. Entretanto, os interesses e intuítos que estão na origem da interacção entre turistas e hospedeiros no contexto do turismo e que condicionam as suas transacções não são fixos, mas sim variáveis, podendo desequilibrar a relação de poder entre as partes envolvidas na dita. Se os custos do desenvolvimento da actividade turística se tornarem superiores aos benefícios num determinado destino ou se a comunidade hospedeira se tornar dependente do turismo, há certamente uma mudança de percepção e de atitude por parte dos membros desta última. Tal significa que o turismo é uma actividade dinâmica e que a natureza das relações entre turistas e hospedeiros também é susceptível de mudança, influenciando as atitudes e percepções dos residentes relativamente ao turismo e aos turistas. Nesta linha de pensamento, há autores que sugerem que as atitudes e percepções das populações de acolhimento variam de acordo com o estágio de desenvolvimento da indústria turística nos destinos, passando de uma condição de entusiasmo numa fase inicial a uma de desapontamento numa fase terminal (cf. Johnson *et al.*, 1994, Pearce, 1995, pp. 9-17, e Sharpley, 1999, pp. 262-267). É justamente por isto que Ap (1990) alerta para a necessidade de realização de estudos longitudinais, que ainda hoje escasseiam. Uma das poucas abordagens feitas neste sentido encontra-se no texto redigido por Py-Sunier (1978) acerca de uma comunidade marítima catalã; outra está no trabalho que Johnson *et al.* (1994) realizaram numa comunidade rural americana; outra ainda foi realizada por Boissevain *et al.* (1998) em Malta. Todos concluem pela existência de mudanças na forma como os locais percebem os turistas, o desenvolvimento do turismo e os seus efeitos ao longo dos tempos, sendo que do segundo texto extrai-se ainda a conclusão de que os aspectos demográficos não condicionam a percepção dos locais.

Py-Sunier (1978) reporta que o desenvolvimento do turismo alterou a natureza das relações interpessoais entre os habitantes da comunidade estudada e os forasteiros, no sentido em que as mesmas deixaram de ser norteadas pelas características particulares de cada indivíduo para serem baseadas em estereótipos étnicos, desenvolvendo entre os locais uma crescente indiferença, intolerância e perda de empatia com os forasteiros.

Johnson *et al.* (1994) constata uma perda de apoio relativamente ao desenvolvimento do turismo numa comunidade rural americana, derivada dos poucos benefícios económicos que dele extrai, em comparação com o que retirava da anterior actividade mineira. Os autores referem por isso:

Enquanto o desenvolvimento turístico permanece equilibrado com outros sectores da economia, os residentes percebem o turismo como benéfico. Em muitas comunidades rurais, o turismo parece servir como uma excelente actividade secundária ou terciária, mas não como primária [id., *ibid.*, p. 639].

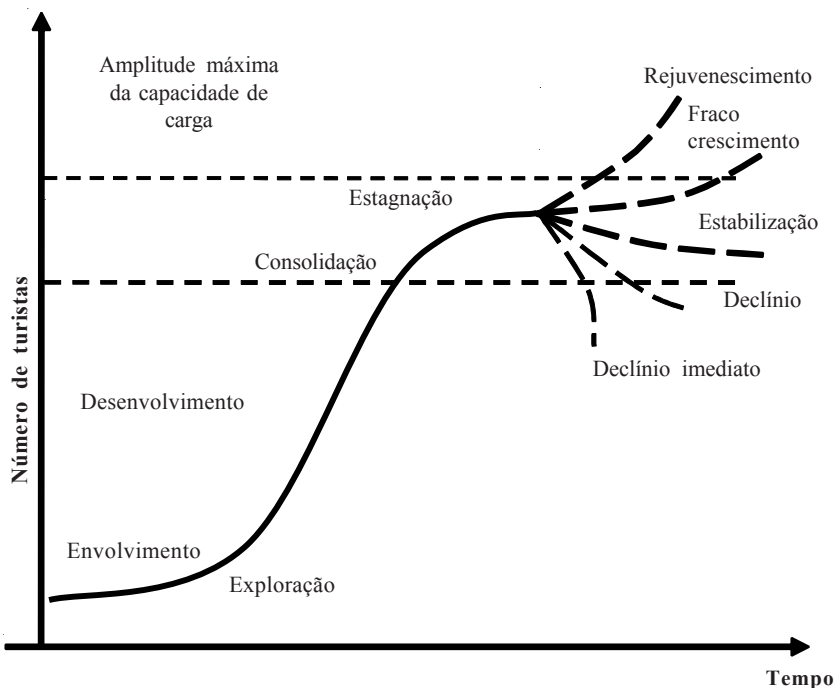
Boissevain *et al.* (1998) reportam a existência de alterações no modo como os malteses encaram o desenvolvimento do turismo no seu país:

Até meados dos anos 80, a maioria dos malteses considerava, sem reservas, os turistas bem-vindos. Aceitava que a maximização do número de chegadas de turistas e o sobrepovoamento, o desconforto, a construção civil desenfreada e a destruição ambiental que daí resultavam eram necessários para o desenvolvimento económico. Nos anos 90, quando o número de chegadas de turistas ultrapassou um milhão anual, os malteses começaram a sentir-se oprimidos pela pressão deste liberalismo no ambiente físico e social [id., *ibid.*, p. 97].

Py-Sunier (1978) e Johnson *et al.* (1994), por outro lado, alertam para a necessidade de atender ao estágio de desenvolvimento de um determinado destino turístico em termos do seu ciclo de vida quando se procura estudar a natureza dos contactos entre hospedeiros e turistas e a percepção dos efeitos do desenvolvimento da actividade nas comunidades de acolhimento.

Modelo de desenvolvimento dos lugares turísticos (Butler, 1980)

[GRÁFICO N.º 2]



Fonte: Pearce (1995), p. 12.

Num dos mais citados estudos sobre a matéria, Butler (1980, ob. cit. in Pearce, 1995, p. 12) estrutura o ciclo de vida de um determinado destino turístico como sendo composto por vários estádios evolutivos: exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação e declínio imediato, ou estabilização, ou rejuvenescimento, como se pode observar no gráfico n.º 2. Como observa Sharpley (1999), o primeiro estádio de desenvolvimento de um destino turístico, o de exploração, é aquele em que um número reduzido de turistas descobre um lugar fora dos circuitos turísticos, desenvolvendo uma relação estreita, mais de hospedagem do que comercial, com os residentes. O estádio de envolvimento acontece quando os residentes descobrem as potencialidades para o desenvolvimento do turismo, começam a promovê-lo para aumentar a procura e a providenciar acomodação e outros serviços a um crescente número de turistas, com os quais mantêm uma relação um pouco mais comercial, mas ainda harmoniosa. O estádio de desenvolvimento acontece quando um destino relativamente desconhecido e tranquilo passa a ser muito frequentado por turistas, passando a oferta turística a ser controlada por organizações externas, como operadores turísticos e grupos de grandes cadeias hoteleiras. Regista-se uma transformação na relação entre os turistas e os residentes por causa do pendor marcadamente comercial das suas relações e as populações locais são crescentemente marginalizadas porque o turismo passa a ser dominado por interesses externos. O estádio de consolidação caracteriza-se por um decréscimo no número de turistas, pela não abertura de novos hotéis e outros locais de comércio e serviços e pelo controlo de custos por parte dos já existentes. Na época alta, o número de turistas ultrapassa o dos residentes, sendo a sua interacção efémera e baseada no comércio. Os destinos perdem a exclusividade e são equiparados a outras atracções turísticas. O estádio de estagnação acontece no momento em que os destinos deixam de atrair novos turistas e novos investimentos, emergem problemas ambientais, sociais e económicos e há uma queda na procura e nos preços. O estádio de declínio caracteriza-se pelo decréscimo no número de visitantes, pela deslocalização dos maiores negócios turísticos, pela falência e conversão do comércio e serviços turísticos, bem como pela queda abrupta da actividade turística, sendo mínimo o contacto entre os forasteiros e os residentes. O estádio de rejuvenescimento caracteriza-se pela emergência de novos investimentos, promoções, ofertas e procuras turísticas que impedem o declínio total do turismo em determinados destinos turísticos (id., *ibid.*, pp. 262-264).

O estudo do turismo em Sortelha e Monsaraz suscita algumas dúvidas quanto à aplicabilidade deste modelo. As povoações podem ser inseridas em diferentes estádios consoante a variável em questão: no estádio de envolvimento em face do elevado grau de envolvimento dos seus habitantes com o sector turístico e do *marketing* da povoação; no estádio de consolidação em face do número de turistas que visitam as povoações (especialmente

Monsaraz, já que não há dados fiáveis relativamente a Sortelha) e do tipo de relações que estabelecem com os residentes, assim como da perda de exclusividade e do modo como são lugares equiparados a outras atracções turísticas¹¹. Por este motivo, o que realmente importa é saber como é que o processo de desenvolvimento do turismo num determinado destino se articula com as relações que se estabelecem entre os residentes e os turistas e, particularmente, com as percepções dos residentes relativamente ao turismo e aos turistas (id., *ibid.*, p. 265). Trata-se, contudo, de uma tarefa que aqui não é possível efectuar devido ao cunho sincrónico desta pesquisa.

As percepções das comunidades de acolhimento relativamente aos turistas e aos efeitos locais do desenvolvimento do sector têm sido objecto de muitos estudos nas últimas duas décadas (Perdue *et al.*, 1990; King *et al.*, 1993; Besculides *et al.*, 2002; v. também Ap, 1990). Entre as conclusões extraídas destes estudos, para além do facto de as percepções mudarem consoante o grau de desenvolvimento do turismo *in situ*, destaca-se a ideia de que as características sociais e demográficas não interferem na percepção que os membros das populações locais têm acerca das questões em apreço. Nos casos aqui em estudo, as coisas passam-se de maneira similar. Além do mais, as percepções dos residentes sobre o turismo e os turistas também não são condicionadas pela existência ou não de vínculos directos ou indirectos à actividade turística.

Os membros destas povoações têm uma imagem globalmente positiva do turismo, declarando que o sector traz muitos benefícios económicos para as populações locais, através da criação de postos de trabalho e da dinamização do comércio e serviços. Recolhidos em conversas informais sobre as valências do turismo, os depoimentos abaixo apresentados têm neste ponto um valor ilustrativo:

O turismo é bom para Sortelha porque traz dividendos e é o sustento de várias famílias; existem três restaurantes, uma série de lojas de artesanato e bares que vivem em função do turismo, não é com as pessoas da terra que estes estabelecimentos sobrevivem [António, 29 anos, habitante de Sortelha].

O turismo é bom para Monsaraz, para a freguesia e a região porque traz emprego e dinheiro, sobretudo ao nível do alojamento, da restauração e do artesanato; é o modo de vida de muita gente que antes vivia da agricultura e da criação de animais [Luís, 54 anos, habitante de Monsaraz].

Isto não significa, no entanto, a inexistência do reconhecimento de efeitos indesejáveis decorrentes do desenvolvimento da actividade turística, tais como o aumento dos preços (especialmente das habitações), a perda de tranquilidade e as limitações à construção e remodelação de habitações, bem como o aumento de lixo nas localidades e a emergência de conflitos e

tensões entre os membros das populações locais. Recolhidos em conversas informais sobre as desvantagens do turismo, os depoimentos que se seguem ilustram esta situação:

O turismo também tem um lado mau porque traz poluição, barulho e desassossego, sobretudo em Agosto [Estrela, 37 anos, habitante de Sortelha].

Uma coisa má do turismo foi que pôs os preços de venda e de renda das casas e espaços comerciais muito altos [...] Há muitas invejas entre as mulheres que vendem bracejo na rua; algumas, que até são familiares, guerreiam e não se falam por isso. Também há isso entre os donos dos restaurantes [Sofia, 26 anos, habitante de Sortelha].

O lado mau do turismo é que isto deixou de ser nosso, fora da muralha não se pode construir onde não houver vestígios de construção e cá dentro também não, a não ser como eles, os do IPPAR, querem [Marta, 45 anos, residente em Monsaraz].

Há aí pessoas da terra, donos de restaurantes, lojas de artesanato e casas de hospedagem, que deixaram de se falar ou dizem mal umas das outras precisamente por causa das invejas (decorrentes do turismo) [Antonietta, 56 anos, residente em Monsaraz].

Saliente-se que os habitantes de Sortelha e Monsaraz têm um discurso sobre o turismo similar ao dos presidentes das respectivas juntas de freguesia e dos responsáveis pelo pelouro do turismo nas suas autarquias. Estes, por sua vez, falam do turismo da mesma maneira que os responsáveis pela administração pública a nível regional, nacional e comunitário, reproduzindo de algum modo aquilo que Ribeiro (2003b, p. 54) denomina «ideologia do turismo», no âmbito da qual o sector é visto como uma receita eficaz para o desenvolvimento das áreas mais desfavorecidas. Merecedor de realce é o facto de nos casos em estudo estarmos perante lugares nos quais o turismo tem efectivamente um papel importante na revitalização do tecido económico, na geração de emprego e na dinamização do comércio e serviços a nível local. A percentagem de residentes com ligações mais ou menos ténues ao sector é neste ponto ilustrativa, 21,1% no caso de Sortelha e 34,6% no de Monsaraz. Trata-se, no entanto, de uma situação excepcional, dado que, por regra, o turismo tem efeitos modestos em termos de desenvolvimento local em áreas rurais, como observam Cavaco (1999) e Figueiredo (2003).

OBSERVAÇÕES FINAIS

870 A informação compilada neste artigo permite concluir que as povoações de Sortelha e Monsaraz foram nas últimas décadas inseridas nos circuitos

nacionais e internacionais do turismo, como resultado de uma estratégia de desenvolvimento local alicerçada na exploração dos seus patrimónios arqueológico, cultural e histórico, apresentando-se actualmente como lugares onde o turismo detém uma considerável visibilidade, quer em termos de oferta, quer de procura. Isto resulta na concepção do património enquanto recurso para o turismo cultural, enquanto bem susceptível de venda e de consumo, enquanto instrumento de trocas e encontros entre populações rurais e urbanas ou não rurais.

Os forasteiros que consomem o património e os restantes recursos turísticos de Sortelha e Monsaraz podem ser segmentados em quatro categorias, designadas de acordo com o seu perfil motivacional: os *entusiastas rurais calmos*, os *entusiastas rurais activos*, os *puristas* e os *urbanos* (Kastenholz, 2003). De acordo com o observado, os *entusiastas rurais calmos* e os *entusiastas rurais activos* são os grupos com maior representação nos locais em análise, encontrando-se os *urbanos* no extremo oposto.

A interacção que se estabelece entre os habitantes destas povoações e as pessoas que aí se deslocam na condição de turistas e excursionistas detém um cunho efémero e instrumental, ocorrendo na maior parte dos casos no âmbito de trocas comerciais. As trocas e encontros condicionam a imagem que as partes têm uma sobre a outra, que, por sua vez, parece ser condicionada pelo grau de desenvolvimento do turismo *in situ*.

O grau de desenvolvimento do turismo parece condicionar igualmente as percepções que os membros das populações locais têm sobre a actividade. Independentemente das condições sociais e económicas e da existência ou não de vínculos directos ou indirectos à actividade turística. Os habitantes de Sortelha e Monsaraz têm uma imagem globalmente positiva do turismo, declarando que o sector traz muitos benefícios económicos para as populações locais através da criação de postos de trabalho e da dinamização do comércio e serviços. Esta imagem não se encontra muito desfasada da realidade, pois o sector tem efectivamente um papel preponderante no emprego e na economia das povoações, permitindo a emergência de uma classe de serviços crescentemente homogénea em termos sociais, económicos e culturais. Por outro lado, nota-se que as populações estudadas convivem bem com o facto de o turismo ter uma posição de relevo na economia local, diferentemente das ideias defendidas por Johnson *et al.* (1994, p. 639). Isto talvez se justifique pelo facto de previamente ao desenvolvimento do turismo não ter existido nestas comunidades uma actividade económica mais rentável, dado que eram comunidades economicamente baseadas numa agricultura de subsistência. O caso de Monsaraz é neste aspecto paradigmático, pois a maioria da população mantinha-se à custa da terra, retirando daí escassos dividendos (cf. Cutileiro, 1977).

Como esta pesquisa não possui um carácter diacrónico, seria pertinente realizar estudos similares num futuro mais ou menos próximo de molde a

aquilatar com rigor o tipo de relação existente entre o desenvolvimento do turismo *in situ* e as relações entre residentes e forasteiros, por um lado, e as percepções dos residentes relativamente ao turismo e aos turistas, por outro.

NOTAS

¹ Os dados compilados neste artigo foram recolhidos durante a pesquisa de campo que suporta a minha tese de doutoramento em Antropologia, que teve o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Silva, 2007).

² A propósito da relação entre turismo e peregrinação, v. Graburn (1978).

³ A edificação da muralha e do castelo de Sortelha — monumentos nacionais desde 1910 — é normalmente atribuída a D. Sancho I (1154-1211) em 1187. O castelo e o perímetro amuralhado de Monsaraz — monumentos nacionais desde a década de 1940 — começaram a ser edificados no reinado de D. Afonso III (1210-1279), tendo o castelo sido concluído e reformulado por D. Dinis (1261-1325).

⁴ Em 2000 e em 2003, estas recriações foram promovidas pelo Grupo Cultural de Jovens de Sortelha, não tendo qualquer ligação aos referidos programas de animação das aldeias históricas.

⁵ Criadas em 1995, através do Programa de Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional, as aldeias históricas de Portugal situam-se na Beira Interior, sendo actualmente doze: Almeida, Belmonte, Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Velha, Linhares da Beira, Marialva, Monsanto, Piódão, Sortelha e Trancoso.

⁶ A expressão «vila» designa o núcleo urbano edificado no interior das muralhas da povoação, ao passo que a expressão «arrabalde» designa o espaço físico situado fora das muralhas.

⁷ Para salvaguardar a identidade dos informantes, optou-se por utilizar nomes fictícios em todos os casos em que uso as suas afirmações, mantendo reais a idade, o sexo, o local de residência e o local de entrevista.

As barreiras linguísticas, as predisposições turísticas — há turistas que não desejam entabular conversa com os habitantes —, a condição profissional dos residentes — quem trabalha no comércio e nos serviços lida mais frequentemente com turistas —, o carácter e predisposição destes para falar com forasteiros são factores condicionantes desta interacção.

⁸ Todas as citações de textos em língua estrangeira foram traduzidas para português.

⁹ O registo começou a ser feito em 2004, ano em que foram registados 4138 visitantes, incluindo 3145 portugueses. Em 2005, os dias de registo decaíram de 169 para 115 e o número de visitantes foi de 2507, incluindo 2121 portugueses. Em 2006, o posto de turismo passou a funcionar num local mais acessível e visível do que nos anos anteriores, o que justifica a diferença numérica.

¹⁰ A Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz tem nos seus quadros guias turísticos que disponibiliza a quem solicite o serviço e que se deslocam amiúde a Monsaraz.

¹¹ Inúmeras vezes registada no terreno no quadro de conversas informais com turistas, a ideia de que Sortelha «é a mais bela e mais bem preservada aldeia histórica de Portugal» ilustra-o, o mesmo acontecendo com a ideia de que Monsaraz «é uma localidade que lembra Óbidos».

BIBLIOGRAFIA

AMENDOEIRA, A. P. (1998), *Monsaraz: Análise do Processo de Conservação e Transformação Urbana no Século XX*, Évora, Universidade de Évora, dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, policopiado.

- AP, J. (1990), «Resident's perceptions research on the social impacts of tourism», in *Annals of Tourism Research*, 17, pp. 610-615.
- BESCUÍDES, A., LEE, M. E., e MCCORMICK, P. J. (2002), «Resident's perceptions of the cultural benefits of tourism», in *Annals of Tourism Research*, 29, 2, pp. 303-319.
- BESSIÈRE, J. (1998), «Local development and heritage: traditional food and cuisine as tourists attractions in rural areas», in *Sociologia Ruralis*, xxxviii (1), pp. 21-34.
- BOISSEVAN, J., e THEUMA, N. (1998), «Contested space: planners, tourists, developers and environmentalists in Malta», in S. Abram e J. Waldren (eds.), *Anthropological Perspectives on Local Development*, Londres, Routledge, pp. 96-119.
- BOURA, I. (coord.) (2002), *Aldeias Históricas de Portugal: Um Património com Futuro*, Coimbra, Comissão de Coordenação da Região Centro.
- CAVACO, C. (1999), «O mundo rural português: desafios e futuros», in C. Cavaco (org.), *Desenvolvimento Rural — Desafio e Utopia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, pp. 135-148.
- CUTILEIRO, J. (1977 [1971]), *Ricos e Pobres no Alentejo*, Lisboa, Sá da Costa Editora.
- FIGUEIREDO, E., «Quantas mas 'aldeias típicas' conseguimos suportar? Algumas reflexões a propósito do turismo como instrumento de desenvolvimento local em meio rural», in O. Simões e A. Cristóvão (orgs.), *TERN: Turismo em Espaços Rurais e Naturais*, Coimbra, Instituto Politécnico de Coimbra, pp. 65-81.
- GRABURN, N. (1978), «Tourism: the sacred journey», in V. Smith (org.), *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*, Filadélfia, University of Pennsylvania Press, pp. 17-33.
- GONÇALVES, J. (1961-1962), «Monsaraz e o seu termo. Ensaio monográfico», in *Boletim da Junta Distrital de Évora*, n.ºs 2-3, pp. 1-158 e 267-357.
- HERZFELD, M. (1991), *A Place in History — Social and Monumental Time in a Cretan Town*, Nova Jérícia, Princeton University Press.
- ICOMOS — INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES (1993), *Tourism at World Heritage Cultural Site: the Site Manager's Hand Book* (<http://www.international.icomos.org/publications/93touris.htm>).
- JOHNSON, J. D., SNEPENER, D. J., e AKIS, S. (1994), «Resident's perceptions of tourism development», in *Annals of Tourism Research*, 21, 3, pp. 629-642.
- KASTENHOLZ, E., «A gestão da procura turística como instrumento estratégico no desenvolvimento de destinos rurais», in O. Simões e A. Cristóvão (orgs.), *TERN: Turismo em Espaços Rurais e Naturais*, Coimbra, Instituto Politécnico de Coimbra, pp. 203-216.
- KING, B., PIZAM, A., e MILMAN, A. (1993), «Social impacts of tourism — hosts perceptions», in *Annals of Tourism Research*, 20, pp. 650-665.
- KOHN, T. (1997), «Island involvement and the evolving tourist», in S. Abram, J. Waldren e D. Macleod (eds.), *Tourists and Tourism, Identifying with People and Places*, Nova Iorque, Berg, pp. 13-28.
- LOWENTHAL, D. (1998), *The Heritage Crusade and the Spoils of History*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MACCANNELL, D. (1999 [1976]), *The Tourist: A New Theory of Leisure Class*, Londres, Macmillan.
- MARX, L. (1967), *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in the America*, Oxford, Oxford University Press.
- CÂMARA MUNICIPAL DE REGUENGOS DE MONSARAZ (2002), *Memória Descritiva e Justificativa — Monsaraz Museu Aberto*, Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, policopiado.
- NASH, D. (1978), «Tourism as form of imperialism», in V. Smith, (ed.), *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*, Filadélfia, University of Pennsylvania Press, pp. 33-48.
- NUÑEZ, T. (1978), «Touristic studies in anthropological perspective», in V. Smith (ed.), *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*, Filadélfia, University of Pennsylvania Press, pp. 217-242.

- PEARCE, D. (1995) [1987], *Tourism Today, a Geographical Analysis*, Essex, Longman.
- PERDUE, R. R., LONG, P. T., e ALLEN, L. (1990), «Resident suport for tourism development», in *Annals of Tourism Research*, 17, pp. 586-599.
- PEREIRO PÉREZ, X. (2003), «Patrimonialização e transformação das identidades culturais», in J. Portela e J. Caldas (orgs.), *Portugal Chão*, Oeiras, Celta, pp. 231-248.
- PLANO DE PORMENOR DE SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DE SORTELHA (1995), *Sabugal: Gabinete Técnico Local da Câmara Municipal do Sabugal*, 4 vols., policopiado.
- PROENÇA, R. (1927), *Guia de Portugal*, vol. 2, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa.
- PY-SUNYER, O. (1978), «Through native eyes: tourist and tourism in a Catalan maritime community», in V. Smith (ed.), *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*, Filadélfia, University of Pennsylvania Press, pp. 149-156.
- RAMOS, F. (1997), *Os Proprietários da Sombra. Vila Velha Revisitada*, Lisboa, Universidade Aberta.
- RIBEIRO, M. (2003), «Espaços rurais como espaços turísticos: reflexões em torno da construção da oferta de turismo em espaço rural em Portugal», in J. Portela e J. Caldas (orgs.), *Portugal Chão*, Oeiras, Celta, pp. 199-216.
- RIBEIRO, M. (2003b), «Pelo turismo é que vamos/poderemos ir (?). Sobre as representações e as visões dos responsáveis das administrações públicas de âmbito local, acerca do turismo para o desenvolvimento local», in O. Simões e A. Cristóvão (orgs.), *TERN: Turismo em Espaços Rurais e Naturais*, Coimbra, Instituto Politécnico de Coimbra, pp. 41-56.
- SHARPLEY, R. (1999), *Tourism, Tourists and Society*, Huntingdon, Elm Publications.
- SILVA, L., (2007), *Processos de Mudança nos Campos: O Turismo em Espaço Rural*, tese de doutoramento em Antropologia, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, policopiado.
- URRY, J. (2002 [1990]), *The Tourist Gaze*, Londres, Sage.